

Os componentes de tear do sítio arqueológico Alto de Brinches 3 (Serpa, Baixo Alentejo)

*Catarina Costeira**

Resumo:

No sítio arqueológico Alto de Brinches 3 identificaram-se 233 estruturas negativas de características diversificadas, com uma ampla diacronia. A ocupação calcolítica materializa-se em 50 estruturas negativas de morfologias e funcionalidades distintas e um significativo conjunto de materiais arqueológicos, composto maioritariamente por cerâmica. Neste trabalho analisamos o conjunto de componentes de tear de cronologia calcolítica, efectuando a sua caracterização tipológica e tecnológica, e a sua contextualização espacial. Os componentes de tear assumem-se como uma das categorias de artefactos mais típicas dos povoados calcolíticos do Sul da Península Ibérica, tendo-se tornado elementos fundamentais para o estudo das transformações agrícolas, pastoris e artesanais que caracterizaram estas comunidades.

Abstract:

At the archaeological site of Alto de Brinches 3 (Serpa, Alentejo) were identified 233 negative structures with distinct features and chronologies. The Chalcolithic occupation was represented by 50 different structures: pits, holes and hut floors, and a meaningful set of archaeological materials mostly composed by ceramics. The aim of the present article was study a sample of Chalcolithic loom components by carrying out the typological and technological characterization and their spatial context. The loom components are one of the most typical artifacts of the Chalcolithic settlements of the Southern Iberian Peninsula. These artifacts had become key elements to the study of agricultural, pastoral and craft changes that defined the communities of 4th-3rd millennia BCE.

* Bolseira de doutoramento FCT—SFRH/BD/76693/2011, UNIARQ

INTRODUÇÃO

O sítio arqueológico Alto de Brinches 3 foi intervencionado pela empresa *Palimpsesto Lda.* no âmbito do projecto de minimização de impactes sobre o património cultural decorrentes da implantação do reservatório Serpa Norte, da responsabilidade da *EDIA, S.A.* Os trabalhos permitiram identificar um sítio constituído essencialmente por realidades negativas muito diversificadas em termos morfo-funcionais e cronológicos.

Este artigo centra-se no estudo de um conjunto de materiais de cronologia calcolítica, designados por componentes de tear. A selecção destes materiais teve como principal objectivo a validação da ficha descritiva e do esquema tipológico, por nós construídos, para a análise dos componentes de tear e já aplicados ao sítio arqueológico de S. Pedro (Redondo). Pretendíamos demonstrar que é possível utilizar os mesmos critérios de análise em conjuntos de materiais com proveniências distintas, reforçando a necessidade de um discurso arqueológico normalizado.

Neste trabalho seguimos todos os critérios e o esquema de análise que já havíamos utilizado anteriormente (Costeira 2010). Assim, começamos pela apresentação do sítio arqueológico de proveniência dos materiais, em termos espaciais, arqueológicos e históricos; seguindo-se o estudo tipológico, tecnológico e funcional dos componentes de tear, bem como a sua contextualização, e em jeito de conclusão tentaremos analisar as características destes artefactos

numa área geográfica um pouco mais alargada, o actual distrito de Beja, procurando problematizar as diferenças/semelhanças entre os sítios arqueológicos com dados publicados.

Esperamos com este trabalho contribuir, mais uma vez, para afirmar a potencialidade informativa dos componentes de tear e a sua pertinência para o estudo das transformações que caracterizaram as comunidades do 3º milénio a.n.e no Sudoeste peninsular.

1. O SÍTIO ARQUEOLÓGICO DE ALTO DE BRINCHES 3

O sítio arqueológico Alto de Brinches 3 localiza-se na Horta do Folgão, freguesia de São Salvador, concelho de Serpa, distrito de Beja, com as seguintes coordenadas centrais, M 246826.30 e P 110296.70 (Fig. 1). A área onde se identificou o sítio foi utilizada para diversos fins agrícolas, o que associado aos trabalhos mecânicos de regularização do terreno para a construção do reservatório Serpa Norte provocou profundas alterações na sua topografia. Todavia, era ainda perceptível que o sítio, tal como o topónimo sugeria, se implantava no topo e vertente de um extenso cabeço de contornos suaves, a uma cota máxima de 190 m, enquadrado na peneplanície alentejana.

Em termos geológicos, a área intervencionada caracteriza-se pela confluência de granitos desagregados do paleozóico, com predomínio dos carbonatos, “Barros de Beja”, cobertos por argilas de aluvião (Alves *et al.* 2010).

Na Carta Arqueológica de Serpa surgia a referência a Alto de Brinches, identificado como um sítio Neolítico Final/Calcolítico Inicial, devido às características da cerâmica manual recolhida à superfície (Lopes *et al.* 1997). É possível que estes materiais estivessem relacionados com os contextos pré-históricos de Alto de Brinches 3 e do Folgão apresentados recentemente.

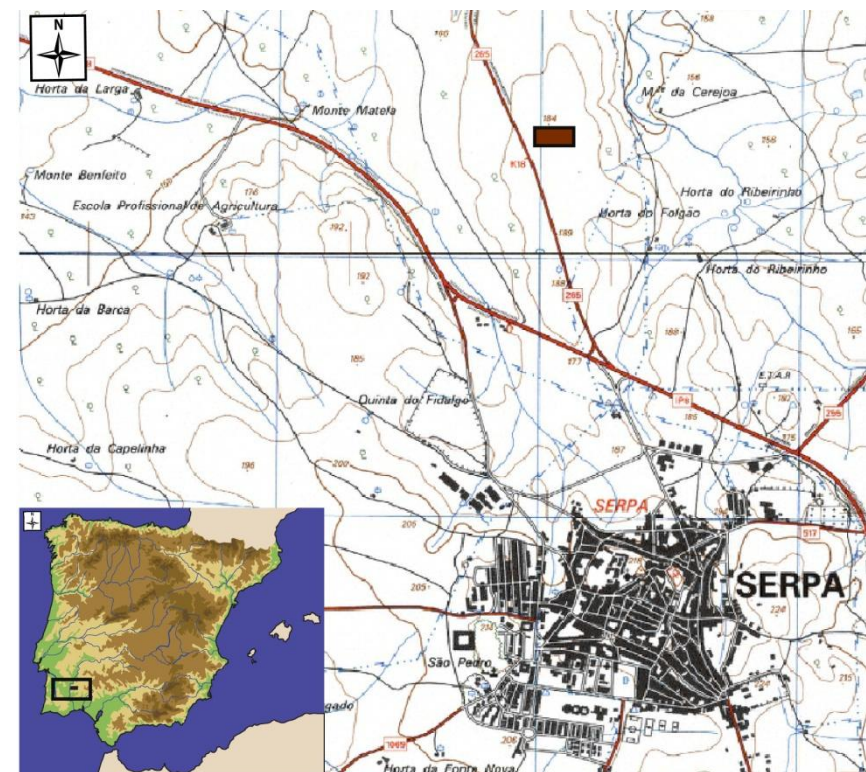


Fig. 1.— Localização do sítio arqueológico Alto de Brinches 3 na Península Ibérica e num excerto da Carta Militar de Portugal, folhas 522 e 532, escala 1:25 000. Instituto geográfico do Exército



Fig. 2.— Vista geral da área de intervenção arqueológica. (Foto: Paulo Marques, In: Alves, et al. no prelo)

O sítio Alto de Brinches 3 foi detectado durante os trabalhos de acompanhamento arqueológico da obra de construção do reservatório de Serpa Norte, efectuado pela empresa *Munis Lda.*, ao identificarem-se 170 estruturas negativas e um conjunto assinalável de materiais arqueológicos, cronologicamente enquadráveis na Idade do Bronze. Estas evidências, associadas aos impactes negativos da construção da referida infraestrutura conduziram à realização de uma escavação arqueológica, a cargo da empresa *Palimpsesto Lda.* e enquadrada no Empreendimento de Fins Múltiplos de Alqueva, da responsabilidade da *EDIA*, com o objectivo de caracterizar as realidades identificadas. O contexto da intervenção e a necessidade de escavar integralmente a área a afectar (cerca de 4000 m²) conduziram à utilização de uma metodologia de área aberta, seguindo os princípios definidos por Barker (1977) e Harris (1989) (Fig. 2).

É de salientar que o grande nível de afectação da área intervencionada, materializada na interface negativa de destruição (0), condicionou parcialmente a percepção dos contextos arqueológicos positivos e negativos (Alves *et al.* 2010).

No sítio Alto de Brinches 3 escavaram-se 233 estruturas negativas com características e cronologias diversificadas, que permitiram a definição de quatro fases de ocupação distintas: Época Moderna/Contemporânea, Época Romana, Idade do Bronze e Calcolítico. As acções de destruição recentes, associadas à escassez de espólio arqueológico nos enchimentos de várias estruturas negativas, dificultaram a atribuição de cronologia precisa a um conjunto significativo de realidades (97 estruturas), apesar de algumas delas apresentarem características morfológicas que tornam plausível a sua associação a contextos pré-históricos.

De cronologia moderna/contemporânea apenas se identificaram 12 fossas de oliveiras e escassos materiais arqueológicos, vestígios que remetem para uma ocupação agrícola da área em estudo.

Definiu-se um contexto funerário constituído por uma sepultura escavada na rocha, com um indivíduo, que tinha como espólio um anel em cobre/bronze, um fragmento de uma faca em ferro e uma conta vítrea. As características da sepultura e do espólio enquadram-se com fortes probabilidades em época romana ou posterior.

A ocupação da Idade do Bronze é uma das mais expressivas de Alto de Brinches 3, representada por 63 estruturas negativas de tipos silo/fossa e valas, com abundante material cerâmico e lítico. Algumas destas estruturas foram reutilizadas para fins funerários. Em termos de materiais, a cerâmica é claramente predominante, registando-se a presença expressiva de potes, alguns deles mamilados e de taças simples e carenadas.



Fig. 3.— Estrutura 681 e 670 (Fotos Palimpsesto)

Como referimos anteriormente, o número de estruturas em que não é possível determinar com clareza a cronologia é bastante expressivo, sendo um conjunto constituído por realidades muito diversificadas, tais como: silos/fossas, depressões, um hipogeu e estruturas com características muito peculiares. Com efeito, identificaram-se várias estruturas complexas, constituídas pela associação de valas e silos/fossas, que apresentam morfologias sui generis, semelhantes a um “osso”, bem como duas estruturas semi-circulares (681 e 670) (Fig. 3). A escassez de materiais arqueológicos nos enchimentos destas estruturas torna arriscada a indicação categórica da sua cronologia, no entanto as suas morfologias aproximam-nas de realidades pré-históricas, nomeadamente de estruturas negativas delimitadoras de espaços, típicas dos sítios calcolíticos do Sul peninsular.

2.1. A ocupação calcolítica

A ocupação calcolítica de Alto de Brinches 3 materializa-se em cinquenta estruturas negativas, com características e funcionalidades diversificadas e um significativo conjunto de materiais arqueológicos, composto maioritariamente por cerâmica.

As estruturas negativas identificadas organizam-se em três grandes grupos tipológicos: silos/fossas, fundos de cabana e depressões. O conjunto dos silos/fossas é o mais numeroso, com 43 registos. Estas estruturas apresentam perfis com morfologias diversificadas: em saco, em “U”, trapezoidal e rectangular e potências estratigráficas tendencialmente reduzidas.

Identificaram-se cinco estruturas que pelas suas características morfológicas (secção rectangular e base aplanada, cuja largura é praticamente coincidente com o topo) e sedimentares foram interpretadas como fundos de cabanas, três das quais reutilizadas como fossas, contendo esqueletos humanos ou de animais no seu interior.

As estruturas 586 e 691 foram utilizadas como espaços funerários, na primeira identificou-se o esqueleto de um indivíduo adulto feminino e na segunda registaram-se três indivíduos, um deles no interior de uma sepultura de tipo covacho, colocado em decúbito ventral, com os membros superiores e inferiores cruzados e flectidos sob o corpo, o que sugere que estariam amarrados, dois ossários e alguns ossos isolados (Alves *et al.* 2010) (Fig. 5). As cinco inumações, em muito mau estado de conservação, eram de indivíduos adultos (Rodrigues 2010) e estavam tendencialmente colocados em posição lateral, junto às paredes das estruturas. No que se refere à presença de espólio, apenas o indivíduo que se encontrava no interior da sepultura de tipo covacho tinha um objecto em osso polido junto ao crânio.



Fig. 4.— Esqueleto de cervídeo no interior da estrutura 275 (Foto Palimpsesto)

Os contextos funerários identificados caracterizam-se por inumações simples, singulares ou múltiplas, em fossa, à excepção de um caso em que ocorreu numa sepultura de tipo covacho.

Duas das depressões identificadas em Alto de Brinches 3 foram relacionadas com a ocupação calcolítica, devido ao facto de os seus enchimentos conterem materiais enquadrados nesta cronologia, todavia a sua reduzida potência estratigráfica dificulta esta caracterização. Estas estruturas apresentam morfologias ovais e rectangulares, sendo a sua funcionalidade difícil de atribuir.

O conjunto de materiais de cronologia calcolítica recolhido no interior das estruturas negativas apresentadas é constituído maioritariamente por artefactos cerâmicos, alguns fragmentos de utensílios em pedra polida e em pedra lascada e apenas um elemento de osso polido.

Na categoria de cerâmica identificam-se 990 fragmentos de recipientes, 166 componentes de tear, três ídolos, uma argola, dois discos em cerâmica e 48 peças indeterminadas.

Em termos globais, o conjunto de recipientes cerâmicos é constituído maioritariamente por formas simples, abertas e fechadas. Os pratos e as taças representam 33,5% do conjunto, os potes esféricos surgem como a forma mais expressiva (38,6%) e as taças carenadas têm uma presença moderada, 8,8%. O espessamento dos bordos é reduzido em termos gerais, ocorrendo com maior frequência nas formas abertas de tipo pratos. A cerâmica mamilada tem uma expressão de apenas 4,3%, identificando-se pegas mamilares com morfologias diversificadas (Fig. 6).

A cerâmica lisa é claramente maioritária, tendo-se registado apenas 6 fragmentos de esféricos com as superfícies engobadas e 2 fragmentos de bojos decorados com pequenos círculos incisos, organizados no interior de um triângulo constituído por linhas quebradas, preenchidas por pasta branca.



Fig. 5.— Sepultura de tipo covacho 689 no interior da estrutura 691 (Foto Palimpsesto)



Fig. 6.— Formas fechadas e abertas (Desenhos e tintagens de Edgar Lopes, Palimpsesto)

Recolheu-se um conjunto diversificado de artefactos em pedra polida, constituído por machados, enxós, dormentes, moventes, percutores, bigornas, polidores, martelos, projecteis, elaborados principalmente em matérias-primas localmente disponíveis como o granito, o quartzo e o quartzito (Alves *et al.* 2010). Os utensílios em pedra lascada são numericamente diminutos, sendo elaborados principalmente em quartzo, matéria-prima local.

Este conjunto artefactual, na sua globalidade, apresenta características típicas das ocupações de finais do 4º Milénio a.n.e., inícios do 3º Milénio a.n.e.

2. OS COMPONENTES DE TEAR DE ALTO DE BRINCHES 3

2.1 Definição do conjunto

Componente de tear define-se como um artefacto imprescindível num engenho para tecer, podendo desempenhar diferentes funções consoante a técnica utilizada. Esta designação distingue-se do tradicional termo peso de tear e do mais recente elemento de tear pelo seu carácter funcional mais abrangente.

O conjunto de componentes de tear em análise é constituído por 166 peças, maioritariamente fragmentadas, como se pode observar no gráfico da Figura 7 o que exigiu prudência no cálculo do número mínimo de componentes de tear, uma vez que não é possível garantir que todos os fragmentos sem remontagem constituam peças individualizadas. De acordo com os dois métodos de cálculo, já por nós apresentados (Costeira 2010), consideramos que o número mínimo de componentes de tear deste sítio arqueológico se deverá situar entre 46 e 89.

Para a análise destes materiais seguimos a ficha descritiva proposta no âmbito do estudo dos componentes de tear do povoado de S. Pedro (Costeira 2010). Esta ficha organiza-se em oito núcleos essenciais:

- i) identificação,
- ii) morfologia,
- iii) caracterização métrica (as medidas, sempre em cm, foram obtidas com uma craveira manual metálica, sendo sempre tiradas num ponto médio da peça),
- iv) quantidade e caracterização das perfurações,
- v) análise tecnológica,
- vi) decoração,

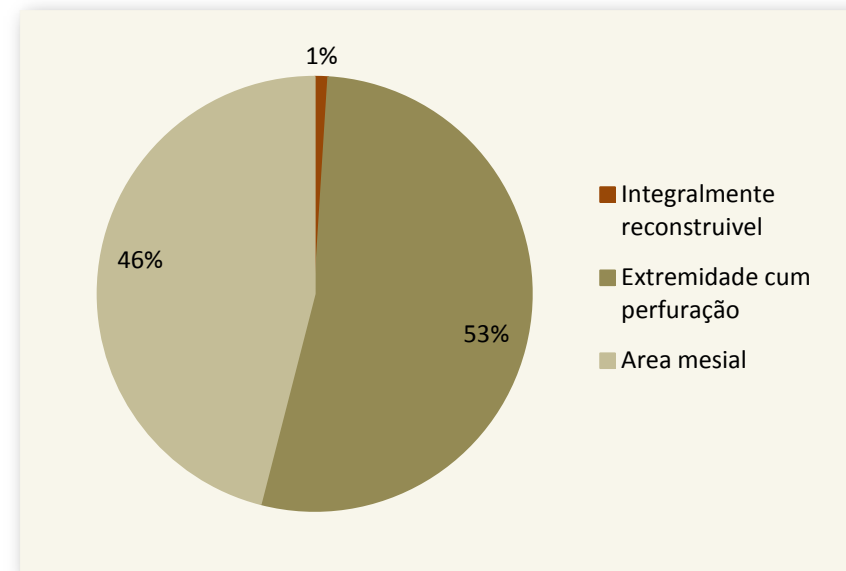


Fig. 7.— Gráfico que representa o estado de conservação dos componentes de tear

vii) vestígios de utilização

viii) observações.

2.2. Formas e variantes

Neste conjunto de componentes de tear identificam-se as duas formas principais típicas do Sul peninsular no 3º milénio a.n.e. – placas e crescentes. Em termos quantitativos a discrepância entre as formas é muito acentuada, uma vez que apenas se registou um fragmento mesial de crescente, o que atribui uma grande expressividade numérica ao grupo das placas.

As placas caracterizam-se por ter uma forma próxima de um quadrilátero, e faces tendencialmente aplanadas, estando as principais perfuradas nas duas extremidades. A variabilidade do contorno destas peças permite definir diferentes tipos, que por sua vez se organizam em diversas variantes segundo as características das arestas/cantos, e o número e localização das perfurações. No conjunto de placas de Alto de Brinches 3 apenas se identificaram placas de tipo rectangular (identificadas pela sigla P-I). As placas rectangulares podem apresentar arestas vincadas e cantos angulosos, ou arestas e cantos arredondados, o que condiciona o plano da peça, permitindo a definição de dois subtipos.

As placas de arestas e cantos arredondados (P-I.2) são maioritárias, representando 69% do conjunto, ao contrário das placas de arestas vincadas e cantos angulosos (P-I.1), 28%. Esta diferença pode estar associada não só à modelação da peça, mas também a questões funcionais e eventualmente tafonómicas. No sítio Alto de Brinches 3, as características das arestas e cantos das placas rectangulares parecem seguir a tendência documentada no sítio de S. Pedro (Costeira 2010), afastando-se do registado no sítio de Pombal (Boaventura 2001), em que as placas com arestas vincadas e cantos angulosos são maioritárias (Fig. 8).

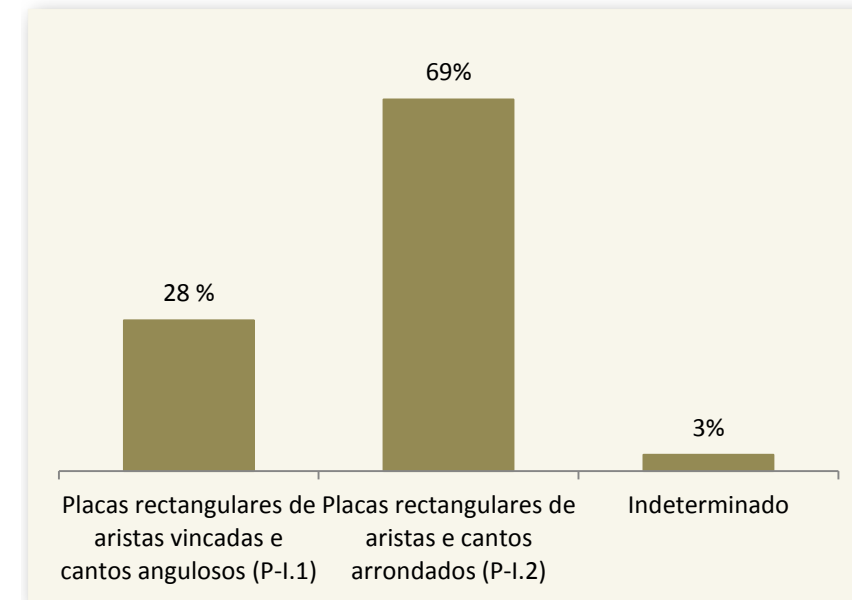


Fig. 8.— Gráfico que ilustra os diferentes subtipos de placas rectangulares

Em termos métricos globais, a largura destas placas varia entre 2-4,9 cm, a espessura entre 0,5-2,5 cm e o comprimento encontra-se em torno dos 13 cm. O carácter fragmentado do conjunto inviabiliza a obtenção de valores médios para o peso. Todas as medidas analisadas se aproximam dos valores definidos para estas peças no povoado de S. Pedro (Costeira 2010), dos Perdigões (Valera 1998: 102), do Pombal (Boaventura 2001: 49-50) e nos povoados da margem esquerda do Guadiana (região de Mourão), como Moinho de Valadares 1, Mercador, Monte do Tosco 1 e Cerros Verdes 3 (Gomes no prelo: 110 e 112).

No que se refere ao número de perfurações, as placas deste conjunto apresentam duas (uma em cada extremidade) e quatro perfurações (duas em cada extremidade) (Fig. 9). As placas com quatro perfurações são residuais, apenas sete fragmentos, ao invés das placas de duas perfurações que representam 92% do conjunto (Fig. 10). As perfurações apresentam um diâmetro máximo entre 0,3-0,9 cm, e um diâmetro mínimo que se situa entre 0,1-0,6 cm. Estes valores apresentam uma grande coerência com os que foram identificados no sítio de S. Pedro (Costeira 2010). As perfurações podem localizar-se numa posição central relativamente ao eixo da peça, ou próximo das extremidades laterais, o que lhes confere um carácter mais periférico (descentrado). Neste conjunto de placas, as perfurações são tendencialmente centradas, tanto nos subtipos com duas como nos de quatro perfurações.

Os crescentes caracterizam-se por apresentar uma forma curva, com contorno tendencialmente arredondado. A variabilidade morfológica das secções permite definir vários tipos de crescentes: de secção ovalada, de secção sub-rectangular, de secção circular e de secção ovalada robusta. Estas peças apresentam tendencialmente uma perfuração em cada extremidade (Costeira 2010: 65-67). No conjunto de componentes de tear de Alto de Brinches 3, como já referimos, apenas se identificou um fragmento mesial de crescente, o que não permite uma análise aprofundada desta forma. A peça referida é um crescente de secção circular, que tem 1,7 cm de largura e 1,4 cm de espessura.



*Fig. 9.— Placas rectangulares com duas e quatro perfurações
(Fotos Xil Veríssimo)*

2.3. Análise tecnológica

A análise tecnológica dos componentes de tear decorre da observação de uma série de características que tentam reconstituir o modo como estas peças foram elaboradas, desde a preparação da argila até à cozedura. Estas observações são exclusivamente macroscópicas, o que limita algumas das conclusões.

Os artefactos em estudo apresentam pastas homogéneas, maioritariamente compactas, com frequentes elementos não plásticos de calibre diverso e superfícies alisadas.

As perfurações dos componentes de tear eram realizadas antes da cozedura, o que originava um rebordo ao seu redor, numa ou nas duas faces das peças.

A cozedura destes materiais é predominantemente processada em ambientes redutores (58%), ainda que destes, 42% registem um aumento de oxigénio durante o arrefecimento. As cozeduras integralmente oxidantes são também expressivas, identificadas em 36% dos componentes de tear.

Neste conjunto de componentes de tear não se identificou nenhuma peça decorada, o que se enquadra na tendência geral dos artefactos cerâmicos do Sudoeste peninsular.

A ausência de análises traceológicas e a dificuldade em distinguir possíveis indícios de desgaste decorrentes da utilização funcional da peça, de marcas efectuadas durante a sua produção e posterior abandono, exige prudência nas considerações sobre os vestígios de utilização dos componentes de tear. Com efeito, algumas peças apresentam as superfícies desgastadas, no entanto não é possível garantir se resultam da efectiva utilização do artefacto ou se são consequência de processos pós-deposicionais.

Para terminar importa salientar que a resistência das pastas e simplicidade dos acabamentos, associada à utilização de peças com alguns defeitos e à reutilização de outras permitem reforçar o carácter utilitário destes objectos.

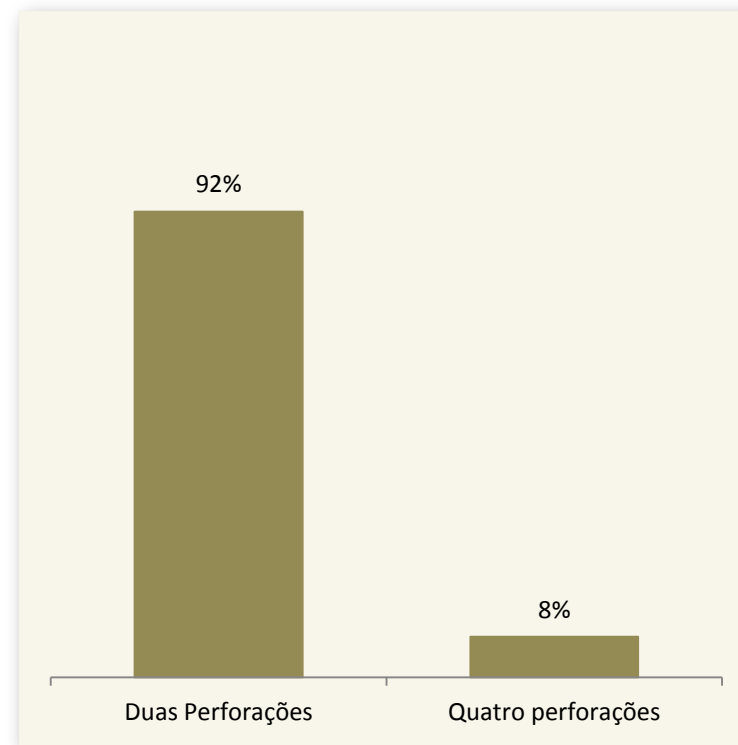


Fig. 10.— Gráfico que representa o número de perfurações das placas rectangulares

3.4. Aproximação à funcionalidade

A informação disponível sobre os materiais em estudo torna a aproximação à sua funcionalidade um exercício difícil, uma vez que não dispomos de análises traceológicas, sendo complexa a reconstituição dos contextos de utilização. No entanto, consideramos que as características morfo-tipológicas e tecnológicas de placas e crescentes permitem a sua associação à funcionalidade de componentes de tear. De facto, a quantidade, semelhança morfológica e presença de perfurações com características idênticas e simetria na sua localização são os melhores argumentos a favor da utilização destas peças em funções relacionadas com a tecelagem. Apesar da dificuldade na abordagem dos contextos dos componentes de tear e da ausência de reconstituições de teares através da arqueologia experimental, procuramos relacionar as placas e os crescentes com alguns teares conhecidos essencialmente através de estudos etnográficos (Costeira 2010: 77-80).

A morfologia das placas rectangulares, a diversidade numérica e a disposição das perfurações, associadas às suas características métricas tendencialmente reduzidas, tornam possível a sua utilização em teares de placas, como já foi proposto por diversos autores, entre os quais destacamos Cardito Rollán (1996: 142-143), Boaventura (2001: 51-53) e Gomes (no prelo: 116). A associação deste tipo de placas a este mecanismo permite explicar a diversidade de variantes, uma vez que o número e localização das perfurações condicionariam a rotação das placas, o que associado à sua variação métrica e quantidade de peças utilizadas determinaria a resistência e dimensão dos tecidos produzidos. As dimensões médias destas peças e a sua homogeneidade formal permitiriam o seu manuseamento eficaz num tear deste tipo, embora não se tenham identificado até ao momento paralelos etnográficos em que se utilizem componentes de tear em cerâmica num tear de placas, nem se tenha construído nenhum mecanismo com estas características através da arqueologia experimental.



Fig. 11. — Placas rectangulares completas (Fotos Xil Veríssimo)

Os vestígios de um tear deste género são difíceis de identificar arqueologicamente, uma vez que parte da sua estrutura é perecível e o número de placas variável, não sendo garantido que após a utilização do tear os componentes se encontrassem concentradas. As marcas de utilização deste tear encontram-se com fortes probabilidades essencialmente nas perfurações, no entanto são difíceis de interpretar devido à reutilização das placas o que deixaria vestígios multidireccionais.

Outros tipos de placas, com características mais robustas do que os identificados no sítio de Alto de Brinches 3, poderiam ser utilizados num tear vertical de pesos, desempenhando a função de pesos (Costeira 2010: 78)

Os crescentes pela sua morfologia muito peculiar colocam mais problemas à sua interpretação enquanto componentes de tear, porque se distanciam das formas de peças tipicamente associadas a teares. No sítio Alto de Brinches 3 apenas se identificou um fragmento mesial de crescente (Fig. 12), o que limita a análise funcional desta forma. Todavia, se observarmos outros conjuntos de componentes de tear, nomeadamente o proveniente do sítio arqueológico de S. Pedro (Costeira 2010), verificamos que em termos métricos os vários tipos de crescentes se aproximam das placas rectangulares, principalmente dos subtipos com duas perfurações. Estas semelhanças permitem colocar a hipótese da utilização de crescentes em mecanismos idênticos aos teares de placas, que se poderiam designar por “teares de crescentes”. Apesar de não conseguirmos ainda reconstituir estes engenhos, consideramos que a forma dos crescentes poderia permitir diferentes rotações na torção dos fios, normalmente organizados em urdiduras verticais, tendo um carácter mais ergonómico, o que colocaria outras possibilidades formais e decorativas na produção de tecidos.

Todavia, a associação de crescentes a “teares de crescentes” e a teares verticais de pesos, são hipóteses que ainda necessitam de um longo caminho de discussão.



Fig. 12. — Fragmento mesial de crescente (Foto Xil Veríssimo)

3. OS COMPONENTES DE TEAR E OS SEUS CONTEXTOS

Os componentes de tear de Alto de Brinches 3 provêm de 49 unidades estratigráficas, que são depósitos de enchimento de 25 estruturas negativas, 19 das quais interpretadas como silos/fossas, quatro como fundos de cabanas/fossas, uma depressão e uma vala. Estes sedimentos apresentam uma matriz argilosa, compacta, granulidade média e tonalidades diversificadas, tendo alguns deles grandes massas pétreas e contendo outras categorias de artefactos para além dos estudados. A análise global da estratigrafia calcolítica (Alves *et al.* 2010) não permite identificar características diferenciadoras nas unidades que contém componentes de tear. Na contextualização dos componentes de tear é importante salientar o elevado grau de destruição das interfaces negativas, o que obviamente condiciona toda a leitura estratigráfica do sítio Alto de Brinches 3.

Os componentes de tear surgem normalmente isolados, ou em associações inferiores a 5 fragmentos (39 unidades estratigráficas) (Fig. 13), sendo pouco expressivos os conjuntos que contém cinco a dez fragmentos (sete unidades estratigráficas) (Fig. 14) e muito raros os que superam os dez elementos (duas unidades estratigráficas) (Fig. 15).

Esta quantificação dos componentes de tear no interior das estruturas negativas demonstra a dispersão dos materiais, na sua grande maioria fragmentos e exige ponderação na análise das possíveis concentrações.

Com efeito, no interior das estruturas negativas 269 e 419 identificaram-se respectivamente as unidades estratigráficas 260 e 382 que contém um número significativo de componentes de tear. Estes conjuntos são constituídos exclusivamente por fragmentos de placas rectangulares com uma perfuração em cada extremidade. A quantidade de placas e a sua homogeneidade formal são relevantes para a interpretação destes conjuntos como possíveis indícios de teares. No entanto, o estado fragmentado destes materiais, a sua associação a

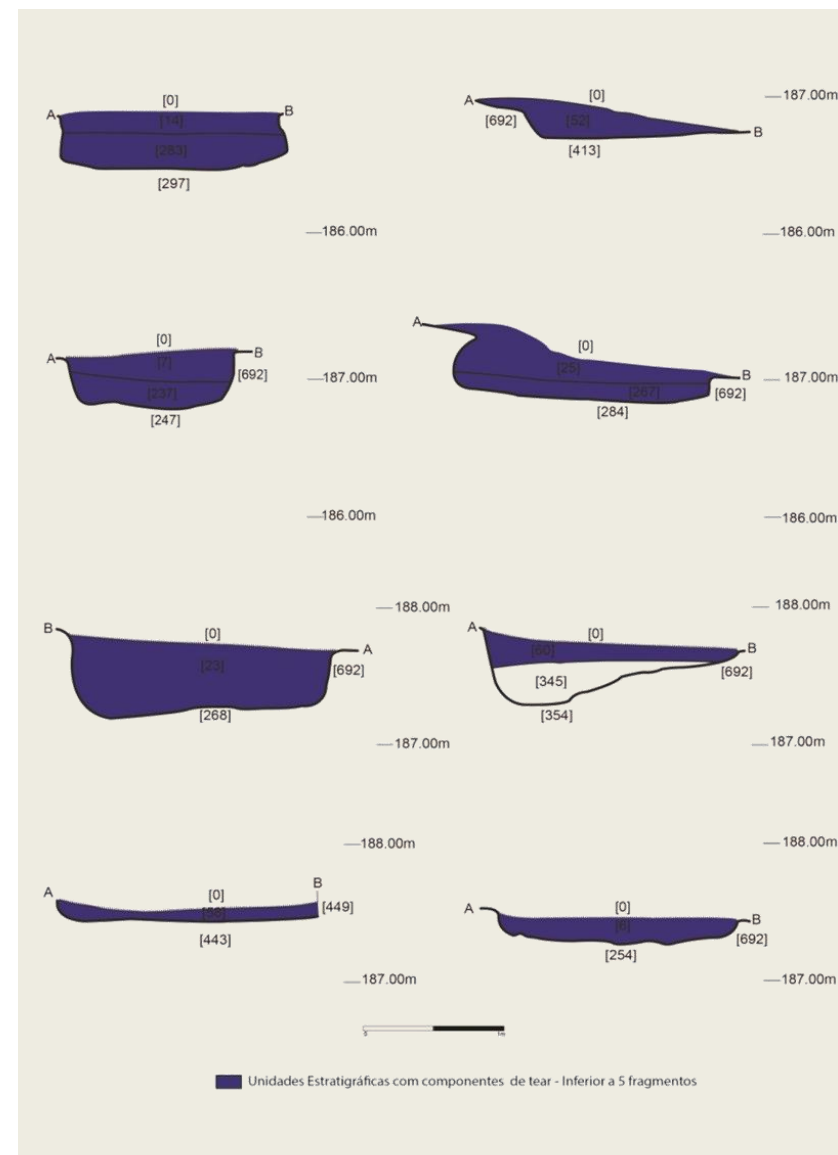


Fig. 13.— Estruturas negativas com componentes de tear nos seus enchimentos

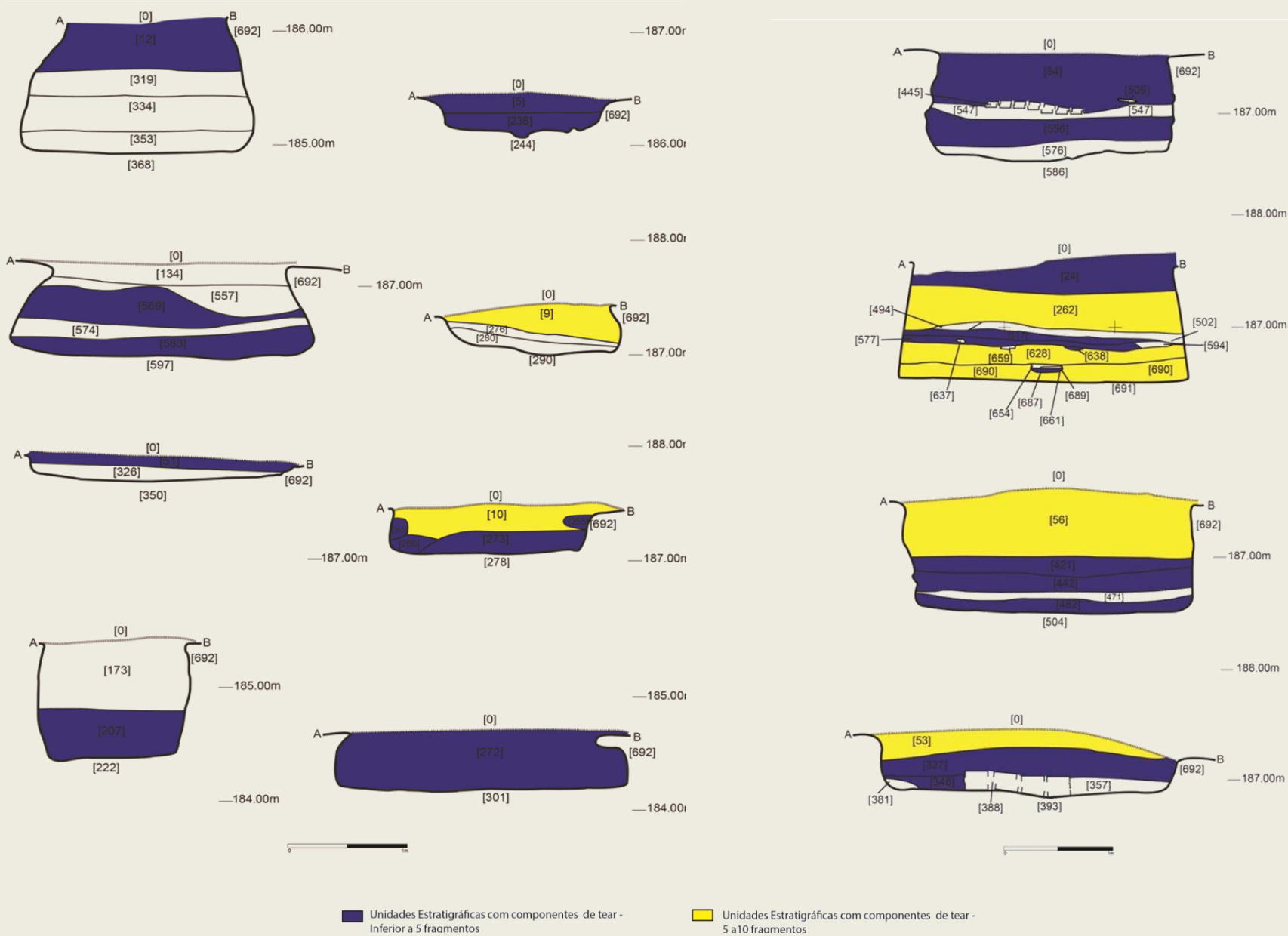


Fig. 14.— Estruturas negativas com componentes de tear nos seus enchimentos

outros artefactos cerâmicos e líticos e as características das estruturas negativas, principalmente no que se refere à sua potência estratigráfica reduzida não nos permitem falar de áreas de tecelagem. Com efeito, estes conjuntos de componentes de tear não estariam depositados na sua área de utilização, mas provavelmente amortizados no interior de estruturas negativas utilizadas como fossas.

As estruturas tipo cabanas tendem a ser espaços destacados na análise dos componentes de tear (Alfaro 1984; Gomes 2003), interpretadas como áreas preferenciais para a identificação de teares. No sítio Alto de Brinches 3, identificaram-se no interior das estruturas de tipo fundo de cabana/fossa 393 e 691 vários fragmentos de componentes de tear dispersos pelos seus enchimentos, maioritariamente placas com uma perfuração em cada extremidade. Todavia, o estado de conservação destes materiais, a sua reduzida expressão numérica, bem como as características dos depósitos de enchimentos destas estruturas evidenciam que estamos perante realidades complexas, com várias fases de utilização, em que os materiais identificados dificilmente estarão associados aos seus contextos de utilização. No interior da estrutura 691, como já referimos anteriormente, identificaram-se dois ossários e três inumações, uma das quais no interior de uma sepultura de tipo covacho 689. Esta múltipla utilização funerária da estrutura em análise reforça a pluralidade de manipulações a que os sedimentos e artefactos estiveram sujeitos.

4. OS COMPONENTES DE TEAR NO SUL DA PENÍNSULA IBÉRICA – O ACTUAL DISTRITO DE BEJA COMO UM CASO DE ESTUDO

Apresentado o conjunto de componentes de tear do sítio Alto de Brinches 3 pretendemos alargar o âmbito da análise, relacionando os nossos dados com os publicados para outros sítios arqueológicos geograficamente próximos, muitos deles alvo de intervenções recentes.

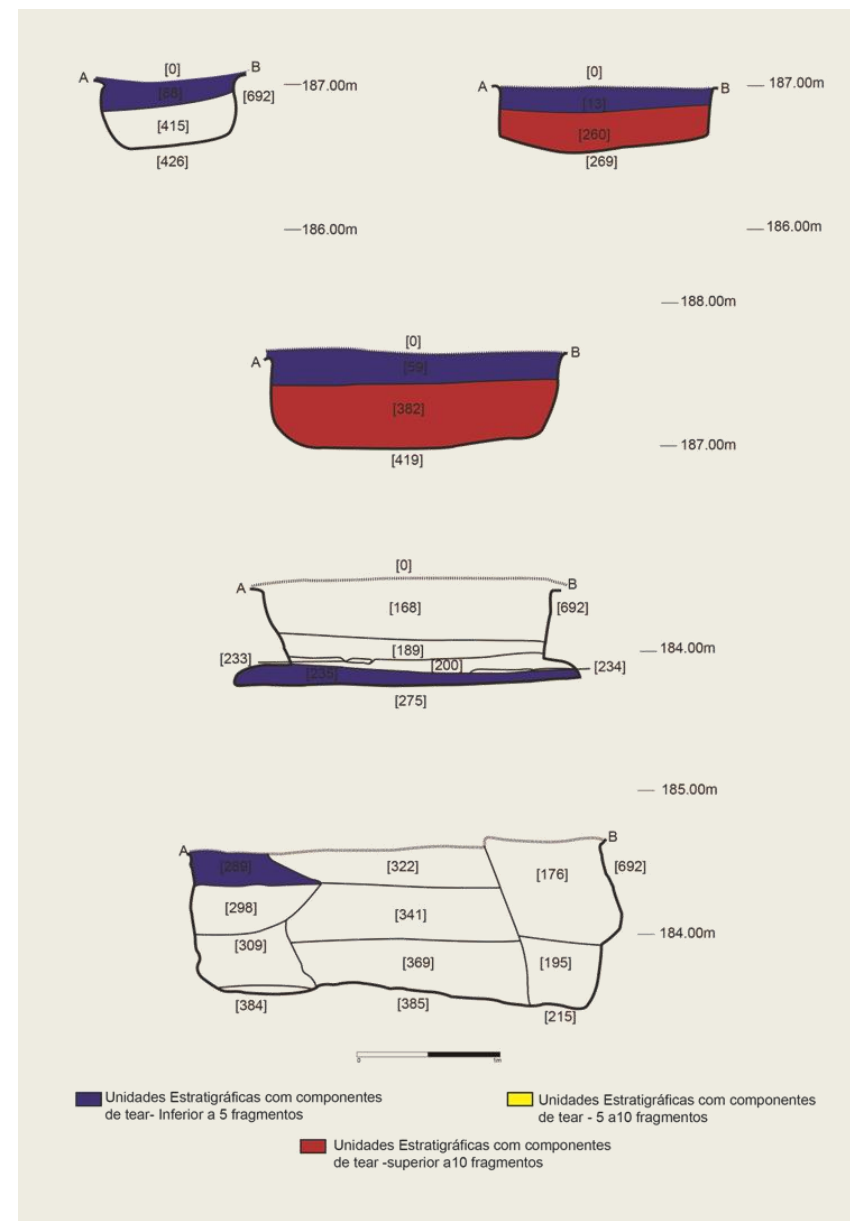


Fig. 15. — Estruturas negativas com componentes de tear nos seus enchimentos

É importante salientar que os componentes de tear são maioritariamente referidos de forma sintética e com caracterizações muito diversificadas nos vários relatórios e artigos publicados. Esta pluralidade descritiva e a ausência de dados quantitativos rigorosos constituem fortes obstáculos na comparação de diferentes realidades. Por forma a tentar contornar estas limitações e obter dados passíveis de comparação, centramo-nos nos sítios pré-históricos do distrito de Beja (área regional de dimensões restritas, na qual se integra o sítio em estudo) que tinham componentes de tear publicados e tentámos classificá-los com base na nossa tipologia. O resultado obtido encontra-se sintetizado na tabela do Apêndice 1, em que referimos as formas e variantes identificadas em cada sítio. Nos casos em que a informação disponível era muito escassa, limitando-se à referência da presença de placas e/ou crescentes, não nos foi possível uma aproximação às variantes, na maioria dos casos essa análise foi feita a partir da informação gráfica dos materiais. Apesar destas dificuldades, no final deste exercício consideremos que a nossa proposta tipológica fica reforçada, uma vez que se demonstra a sua operacionalidade no estudo de materiais provenientes de diferentes sítios, podendo mais uma vez salientar-se o carácter funcional de placas e crescentes.

Os 26 sítios analisados, sendo todos contextos de habitat, apresentam características muito diversificadas, tendo sido alvo de diferentes trabalhos arqueológicos, o que obviamente condiciona o seu estudo comparado, mas permite discutir algumas das principais questões relacionadas com os componentes de tear.

O estudo das placas e dos crescentes é marcado por dois grandes temas: o significado da diversidade formal e a sua possível dimensão cronológica.

A investigação dos povoados calcolíticos do Baixo Alentejo e Algarve nas décadas de setenta e oitenta do século XX, realizada por Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares (Silva e Soares 1976-77; 1987: 52) parecia demonstrar um

desfasamento cronológico entre as duas formas de componentes de tear. De acordo com as observações destes investigadores, as placas estariam relacionadas com as fases mais antigas (Calcolítico inicial) e os crescentes, principalmente os tipos de secção circular com o Calcolítico pleno. Esta proposta generalizou-se, tornando-se num dos argumentos para o faseamento relativo de diversos sítios. Todavia, a intensificação da investigação em toda a região alentejana fragilizou esta hipótese explicativa, uma vez que na maioria dos contextos prospectados e escavados as duas formas pareciam coexistir ao longo da estratigrafia (Calado 2001; Costeira 2010). Se nalguns contextos, como o povoado do Alto do Outeiro (Grilo 2007 e 2010), as placas pareciam associar-se às ocupações mais antigas, a observação de outras estratigrafias como as dos fossos 1 e 2 do povoado do Porto Torrão indicavam a sua abundância nos depósitos mais recentes (Valera e Filipe 2004). Situação semelhante é documentada para os crescentes, uma vez que esta forma é exclusiva tanto em povoados do final do 4º Milénio a.n.e., como na Foz do Enxoé (Diniz 1999), como em povoados claramente calcolíticos, do qual o Cerro dos Castelos de S. Brás (Parreira 1983) é um bom representante. Efectivamente, a presença exclusiva de placas ou crescentes tornou-se argumento de antiguidade (Rodrigues 2006, Alves *et al.* 2010, entre outros), não se conseguindo determinar qual a forma mais antiga.

A definição do tempo nos sítios de habitat de longa duração, com sucessivas fases de reocupação, com a remobilização de terras, reconstituição e reconversão de estruturas, é bastante complexa, sendo necessário cruzar diferentes dados materiais com datações de radiocarbono, ainda muito escassas na área de estudo. Neste sentido, é necessário relativizar o significado cronológico individual de cada forma.

Admitindo a simultaneidade das duas formas, as suas diferenças poderiam estar relacionadas com a utilização de distintos teares, materialização de duas tradições de tecelagem associadas no 3º Milénio do Sudoeste peninsular

(Gonçalves 2003: 56). Deste modo, os crescentes não representariam um aperfeiçoamento técnico dos componentes de tear, mas a diversidade das técnicas de tecelagem.

5. CONCLUSÕES

As características formais e tecnológicas de placas e do crescente do sítio de Alto de Brinches 3 permitem reforçar o seu carácter utilitário e a sua associação à tecelagem. Todavia, torna-se necessário demonstrar esta funcionalidade, não só através de análises traceológicas, mas também da construção de teares com estes componentes através da arqueologia experimental, linhas de investigação que esperamos poder desenvolver no futuro.

Na área intervencionada neste sítio arqueológico, as placas rectangulares, principalmente com uma perfuração em cada extremidade, são a forma mais expressiva mas não exclusiva. Consideramos que a disparidade numérica de placas e crescentes pode estar relacionada com questões funcionais, espaciais e mesmo tafonómicas, não sendo certo que tenha um significado cronológico. Como demonstrámos no final deste trabalho, a atribuição de uma diferença temporal às formas de componentes de tear é, no estado actual da investigação, muito complexa.

Como perspectivas de futuro e no seguimento deste trabalho, torna-se fundamental analisar outras categorias de artefactos, bem como os processos de utilização, abandono e enchimento das várias estruturas negativas deste sítio arqueológico, com o objectivo de melhor caracterizar esta ocupação.

Em termos globais é indispensável estudar mais materiais, compreender os sítios de proveniência e datar de forma objectiva de modo a ultrapassar dúvidas e contradições baseadas em informações parcelares e escavações antigas.

Agradecimentos: agradeço aos directores de escavação de Alto de Brinches 3: Catarina Alves, Susana Estrela, Eduardo Porfírio e Miguel Serra toda a informação que me disponibilizaram, principalmente as fotografias e os desenhos de campo, bem como o incentivo para a realização deste trabalho. À empresa *Palimpsesto Lda.* agradeço o apoio na impressão do poster apresentado.

BIBLIOGRAFÍA

- ALFARO, C. (1984): *Tejido y cestería en la Península Ibérica: Historia de su técnica e industrias desde la Prehistoria hasta la Romanización*. Bibliotheca Praehistorica Hispana 21. Madrid.
- ALVES, C., COSTEIRA, C., ESTRELA, E., PORFIRIO E. e SERRA, M. (2009): *Torre Velha 3. Relatório final 2ª. Fase. Minimização de impactes sobre o património cultural decorrentes da construção da Barragem da Laje (Serpa)*, (Relatório inédito - IGESPAR). Lisboa.
- ALVES, C., ESTRELA, E., PORFIRIO E. e SERRA, M. (2010): *Alto de Brinches 3. Relatório final. Minimização de impactes sobre o património cultural decorrentes da construção do reservatório Serpa Norte (Serpa)*, (Relatório inédito - IGESPAR). Lisboa.
- ALVES, C., COSTEIRA, C., ESTRELA, E., PORFIRIO E. e SERRA, M. (2012): *Torre Velha 3 (Serpa), dados preliminares*. Al-Madan online 17.
- ALVES, C., ESTRELA, E., PORFIRIO E. e SERRA, M. (no prelo): “Intervenção arqueológica no sítio de Alto de Brinches 3 (reservatório Serpa – Norte): resultados preliminares”. *Actas do 4º. Colóquio de Arqueologia de Alqueva – o plano de rega (2002 – 2010)*. Beja.
- ALVES, C., COSTEIRA, C., ESTRELA, E., PORFIRIO E. e SERRA, M. (no prelo): “Caracterização preliminar da ocupação pré-histórica da Torre Velha 3 (Barragem da Laje, Serpa)”. *Actas do 4º. Colóquio de Arqueologia de Alqueva – o plano de rega (2002 – 2010)*. Beja.
- ARNAUD, J. (1993): “O povoado Calcolítico de Porto Torrão (Ferreira do Alentejo): síntese das investigações realizadas”. *Vipasca* 2: 51-61.
- BAPTISTA, L. e GOMES, S. (2010a): *Relatório final da intervenção arqueológica em Figueirinha (Pias). Bloco de Rega de Brinches – Bloco B*, (Relatório inédito - IGESPAR).
- BAPTISTA, L. e GOMES, S. (2010b): *Relatório final da intervenção arqueológica em Horta da Morgadinha. Bloco de Rega de Brinches – Enxoé*, (Relatório inédito - IGESPAR).
- BAPTISTA, L. e GOMES, S. (2010c): *Relatório final da intervenção arqueológica em Monte da Lage. Bloco de Rega de Brinches – Enxoé*, (Relatório inédito - IGESPAR).

- BAPTISTA, L. e GOMES, S. (2010d): *Relatório final da intervenção arqueológica em Outeiro Alto 3. Adutor Brinches – Enxoé*, (Relatório inédito - IGESPAR).
- BARBER, E.J.W. (1991): *Prehistoric Textiles: The Development of Cloth in the Neolithic and Bronze Ages: With Special Reference to the Aegean*. New Jersey.
- BARKER, P. (1977): *Techniques of Archaeological Excavation*. Londres.
- BOAVENTURA, R. (2001): *O sítio calcolítico do Pombal (Monforte): Uma recuperação possível de velhos e novos dados*. Trabalhos de Arqueologia 20. Lisboa.
- BOAVENTURA, R. (2006): “Os IV e III milénios a.n.e. na região de Monforte, para além dos mapas com pontos: os casos do cluster de Rabuje e do povoado com fossos de Moreiros 2”. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 9 (2): 61-74.
- CALADO, M. (1995): *A região da Serra d’Ossa: Introdução ao estudo do povoamento neolítico e calcolítico*, (Provas de aptidão pedagógica inéditas, Universidade de Lisboa). Lisboa.
- CALADO, M. (2001): *Da Serra d’Ossa ao Guadiana: um estudo de pré-história regional*. Trabalhos de Arqueologia 19. Lisboa.
- CALADO, M. e MATALOTO, R. (2001): *Carta Arqueológica do Redondo. Redondo*. Redondo.
- CALADO, M., MATALOTO, R. e ROCHA, A. (em preparação): *O povoamento pré-histórico da margem direita do regolho do Alqueva*.
- CALADO, M. e ROCHA, L. (2007): “As primeiras sociedades camponesas no Alentejo Central: a evolução do povoamento”. In E. Cerrillo e J. Valadés (eds.): *Los primeros campesinos de La Raya: Aportaciones recientes al conocimiento del neolítico y calcolítico en Extremadura y Alentejo. Memórias del Museo Provincial de Cáceres* 6. Cáceres: 29-46.
- CARDITO, L.M. (1996): “Las manufacturas textiles en la prehistoria: Las placas de telar en el Calcolítico Peninsular”. *Zephyrus* 49: 125-145.
- COSTEIRA, C. (2010): *Os componentes de tear do povoado de S. Pedro (Redondo, Alentejo Central), 3º milénio a.n.e.* (Tese de Mestrado inédita, Universidade de Lisboa). Lisboa.
- COSTEIRA, C. e MATALOTO, R. (2013): “Os compoens de tear do povoado de S. Pedro (Redondo, Alentejo Central)”. *VI Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*. Villafranca de los Barros: 625-668.

- DIAS, A.C. (1996): *Elementos para o estudo da sequência estratigráfica e artefactual do povoado calcolítico de Santa Vitória. Porto*, (Tese de mestrado inédita, Universidade do Porto). Porto.
- DINIZ, M. (1993): “Pesos de tear e tecelagem no calcolítico em Portugal”. *Actas do Primeiro Congresso de Arqueologia Peninsular. Trabalhos de Antropologia e Etnologia* 34 (3-4). Porto: 133-149.
- DINIZ, M. (1999): “Povoado neolítico da Foz do Enxóe (Serpa): primeiros resultados”. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 2 (1): 95-126.
- FERREIRA, C., NUNES, S. e BASILIO, L. (no prelo): “Resultados preliminares de uma intervenção realizada no sítio Parreirinha 4 (Serpa)”. *Actas do 4º Colóquio de Arqueologia de Alqueva – o plano de rega (2002 – 2010)*. Beja.
- FILIPPE, V. e BRAZUNA, S. (2009): “Ocupação durante a primeira metade/meados do III milénio a.C. na margem direita da Ribeira do Enxóe: Casa Branca 2 (Serpa)”. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 12 (2) 79-97.
- FONSECA, S. (1996): *Calcolítico do Sul de Portugal. Estudo de um caso: o concelho de Cuba*, (Tese de mestrado inédita, Universidade do Porto). Porto.
- GOMES, S. (1998-1999): “Os pesos de tear da estrutura ritual com ossos de Castelo Velho de Freixo de Numão”. In S.O. Jorge, M.L. Oliveira, S.A. Nunes e S. Gomes (eds.): *Uma estrutura ritual com ossos humanos no sítio pré-histórico de Castelo Velho de Freixo de Numão (V.a N.a de Foz Côa). Portugalia (Nova Série)* 19-20: 29-70.
- GOMES, S. (2003): *Contributos para o estudo dos “pesos de tear” de castelo Velho de Freixo Numão (Vila Nova de Foz Côa): Exercícios de interpretação do registo arqueológico*, (Dissertação de mestrado inédita, Universidade do Porto). Porto.
- GOMES, S. (no prelo): “Tecelagem e Pesca: os pesos”. In A.C. Valera (org.): *As Comunidades agro pastoris na margem esquerda do Guadiana (2ª metade do IV aos finais do II milénio AC). Colecção Memórias d’Odiara*. Lisboa: 109-126.
- GONÇALVES, V.S. (1987): “O povoado pré-histórico da Sala nº1 (Pedrógão, Vidigueira): Notas sobre a campanha 1 (88)”. *Portugalia (Nova série)* 8: 7-16.
- GONÇALVES, V.S. (1988-89): “A ocupação pré-histórica do Monte Novo dos Albardeiros (Reguengos de Monsaraz)”. *Portugalia.(Nova série)* 9-10: 49-61.
- GONÇALVES, V.S. (1989): *Megalitismo e metalurgia no Alto Algarve Oriental: Uma aproximação integrada*. Lisboa.

- GONÇALVES, V.S. (1990-91): "TESP 3: O povoado pré-histórico da Torre do Esporão (Reguengos de Monsaraz)". *Portugalia (Nova série)* 11-12: 52-72.
- GONÇALVES, V.S. (1994): "Monte da Mangancha". *Informação Arqueologica* 9. Lisboa: 109-110.
- GONÇALVES, V.S. (2001): "O trigo, o cobre, a lã e o leite: um guia bibliográfico e uma curta introdução às sociedades camponesas da primeira metade do 3º milénio no Centro e Sul de Portugal". *Zephyrus* 53-54: 273-292.
- GONÇALVES, V.S. (2003): *Sítios, «Horizontes» e Artefactos: leituras críticas de realidades perdidas. (Estudos sobre o 3º milénio no Centro e Sul de Portugal)* (2ª ed.). Cascais.
- GONÇALVES, V.S. e SOUSA, A.C. (eds.) (2010): *Transformação e mudança no Centro e Sul de Portugal no 3º milénio a.n.e. Actas do Colóquio Internacional*. Cascais.
- GRILO, C. (2007): "O povoado pré-histórico do Alto do Outeiro, Baleizão, Beja". *Vipasca. Arqueologia e História* 2 (2): 95-106.
- GRILO, C. (2010): "O povoado pré-histórico do Alto do Outeiro, Baleizão, Beja. Resultados preliminares". In: V.S. Gonçalves e A.C. Sousa (eds.): *Transformação e mudança no Centro e Sul de Portugal no 3º milénio a.n.e. Actas do Colóquio Internacional*. Cascais: 333-344.
- HARRIS, E. (1989): *Principles of Archaeological Stratigraphy*. Londres.
- JORGE, S.O., OLIVEIRA, M., NUNES, S. e GOMES, S. (1998-99): "Uma estrutura ritual com ossos humanos no sítio pré-histórico de Castelo Velho de Freixo de Numão (Vª Nª de Foz Côa)". *Portugalia (Nova Série)* 19-20: 29-70.
- LAGO, M. et al. (1998): "O povoado dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz): dados preliminares dos trabalhos arqueológicos realizados em 1997". *Revista Portuguesa de Arqueologia* 1 (1): 45-152.
- LAGO, M. e ALBERGARIA, J. (2001): "O Cabeço do Torrão (Elvas): contextos e interpretações prévias de um lugar do Neolítico alentejano", *Era Arqueologia* 4: 39-62.
- LOPES, C., CARVALHO, P. e GOMES, S. (1997): *Arqueologia do concelho de Serpa*. Serpa.
- MATALOTO, R. (2010): "O 4º/3º milénio a.C. no povoado de São Pedro (Redondo, Alentejo Central): fortificação e povoamento na planície centro alentejana". In V.S. Gonçalves e A.C. Sousa (eds.): *Transformação e mudança no Centro e Sul de Portugal no 3º milénio a.n.e. Actas do Colóquio Internacional*. Cascais: 263-296.

- MATALOTO, R. e BOAVENTURA, R. (2009): “Entre vivos e mortos nos 4º e 3º milénios a.n.e. do Sul de Portugal: um balanço relativo do povoamento com base em datações pelo radiocarbono”. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 12 (2): 31-77.
- MATALOTO, R. e COSTEIRA, C. (2008a): “O povoado Calcolítico do Paraíso (Elvas, Alto Alentejo)”. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 11 (2): 5-26.
- MATALOTO, R. e COSTEIRA, C. (2008b): “O povoado calcolítico do Paraíso (Elvas, Alto Alentejo): notícia da sua identificação”. In J.A. Pérez Macías e E. Romero Bomba (eds.): *IV Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*. Huelva: 107-133.
- MATALOTO, R., COSTEIRA, C., DAVIS S., CLEMENTE, R. e SANTOS, I. (no prelo): “Os povoados de fossos do Paraíso: uma ocupação do IV/III milénios a.C. na região de Elvas. Balanço das intervenções 2009-2010”. *Actas do V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*. Almodôvar: 39-72
- PAÇO, A. e VENTURA, J.F. (1961): “Castelo do Giraldo (Évora). Trabalhos de 1960”. *Revista de Guimarães* 71 (1-2): 27-49.
- PARREIRA, R. (1983): “O Cerro dos Castelos de S. Brás”. *O Arqueólogo Português (série II)* 1: 149-168.
- PEREIRA, M. (2010): *Pesos de tear e elementos de tear na Pré-história recente portuguesa: contributos para pensar o processo arqueológico*, (Tese de mestrado inédita. Universidade do Porto). Porto.
- RODRIGUES, A.F. (2008): “O recinto de fossos Ponte da Azambuja 2 (Portel, Évora): primeira notícia”. *Apontamentos de Arqueologia e Património* 2. <http://www.nia-era.org>
- RODRIGES, Z. (2010): *Minimização de impactes sobre o património cultural decorrentes da implantação do bloco de rega de Serpa – Trabalhos arqueológicos e antropológicos no sítio Alto de Brinches 3*, (Relatório antropológico inédito).
- RODRIGUES, Z., ALVES, C., ESTRELA, S., PORFIRIO, E. e SERRA, M. (no prelo): “Os contextos funerários do Sítio de Alto Brinches 3 (Serpa): dados antropológicos preliminares”. *V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*. Almodôvar: 73-83.
- SILVA, C.T. e SOARES, J. (1976-77): “Contribuição para o conhecimento dos Povoados calcolíticos do Baixo Alentejo e Algarve”. *Setúbal Arqueológica* 2-3: 179-272.
- SILVA, C.T. e SOARES, J. (1987): “O povoado fortificado do Monte da Tumba I - Escavações arqueológicas de 1982-86 (resultados preliminares)”. *Setúbal Arqueológica* 8: 29-79.

- SILVA, C.T. e SOARES, J. (1988): “O povoado fortificado da Idade do cobre do Monte da Tumba (Torrão) – cinco anos de escavações arqueológicas”. *Movimento cultural* 4: 16-43.
- SILVA, C.T. e SOARES, J. (2002): “Porto das Carretas: um povoado calcolítico fortificado do vale do Guadiana”. *Al-madan (série 2)* 11: 176-180.
- SOARES, A. (1992): “O povoado calcolítico dos Três Moinhos (Baleizão, Beja). Notícia preliminar”. *Setúbal Arqueológica* 9-10: 291-314.
- SOARES, A. e CABRAL, J. (1993): “Cronologia absoluta para o Calcolítico da Estremadura e do Sul de Portugal”. *Actas do I Congresso de Arqueologia Peninsular. Trabalhos de Antropologia e etnologia* 3-4. Porto: 217-236.
- SOARES, A. (2005): “Os povoados do Bronze Final do Sudoeste na margem esquerda portuguesa do Guadiana: novos dados sobre a cerâmica de ornatos brunidos”. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 8 (1): 111-145.
- SOARES, J. e SILVA, C.T. (1992): “Para o conhecimento dos povoados do megalitismo de Reguengos”. *Setúbal Arqueológica* IX-X: 37-88.
- SOARES, J. e SILVA, C.T. (2010): “Campaniforme de Porto das Carretas (médio Guadiana) a procura de novos quadros de referência In. V.S. Gonçalves e A.C. Sousa (eds.): *Transformação e mudança no Centro e Sul de Portugal no 3º milénio a.n.e. Actas do Colóquio Internacional*. Cascais: 225-261.
- VALERA, A. (1997): *O castro de Santiago (Fornos de Algodres – Guarda). Aspectos da calcolitização da bacia do Alto Mondego*. Textos Monográficos 1. Lisboa.
- VALERA, A.C. (1998): “Análise da componente cerâmica do povoado dos Perdigões”. In LAGO, M. et. al.: “O povoado dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz): dados preliminares dos trabalhos arqueológicos realizados em 1997”. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 1 (1): 80-104.
- VALERA, A.C. (2000a): “Moinho de Valadares 1 e a transição Neolítico Final/Calcolítico na margem esquerda do Guadiana: uma análise preliminar”. *Era Arqueologia* 1: 21-37.
- VALERA, A.C. (2000b): “O Monte do Tosco I: uma análise preliminar no contexto do povoamento calcolítico e do início da Idade do Bronze na margem esquerda do Guadiana”. *Era Arqueologia* 2: 33-51.
- VALERA, A.C. (2001): “A ocupação pré-histórica do sítio do Mercador (Mourão) a campanha de 2000”. *Era Arqueologia* 3: 42-57.

- VALERA, A.C. (2002): “Pré-História recente da margem esquerda do Guadiana”. *Al-madan (série 2)* 11: 117-121.
- VALERA, A.C. (2003): “Mobilidade estratégica e prolongamento simbólico: problemáticas do abandono no povoamento calcolítico do ocidente peninsular”. *Era Arqueologia* 5: 127-148.
- VALERA, A.C. (2004): “A propósito dos recintos murados do 4º e 3º milénios A.C.: Dinâmica e fixação do discurso arqueológico”. In S.O. Jorge (ed.): *Recintos murados da Pré-História recente*. Porto-Coimbra: 149-168.
- VALERA, A.C. (2006): “A margem esquerda do Guadiana (região de Mourão), dos finais do 4º aos inícios do 2º milénio AC”. *Era Arqueologia* 7: 136-211.
- VALERA, A.C. (2008): “Recinto Calcolítico dos Perdigões: fossos e fossas do sector I”. *Apontamentos de Arqueologia e Património* 3. <http://www.nia-era.org> [Consult. Dez. 2009].
- VALERA, A.C. e FILIPE, I. (2004): “O Povoado do porto Torrão (Ferreira do Alentejo): Novos dados e novas problemáticas no contexto da calcolitização do Sudoeste peninsular”. *Era Arqueologia* 6: 28-63.
- VALERA, A.C. e FILIPE, V. (2010): “Outeiro Alto 2 (Brinches, Serpa): nota preliminar sobre um espaço funerário e de socialização do Neolítico final à Idade do Bronze”. *Apontamentos de Arqueologia e Património* 5. <http://www.nia-era.org>
- VALERA, A.C., *et al.* (no prelo): “Um mundo em negativo: fossos e hipogeus entre o Neolítico Final e a Idade do Bronze na margem esquerda do Guadiana (Brinches, Serpa)”. *Actas do 4º. Colóquio de Arqueologia de Alqueva – o plano de rega (2002 – 2010)*. Beja.

APÊNDICE I: Tabela dos sítios calcolíticos com componentes de tear no distrito de Beja

Nº	Sítio	Localização	Tipo Intervenção	Formas componentes tear	Variantes componentes tear	Bibliografia
1	Castelo de Aljustrel	Aljustrel	Escavação	Placas Crescentes	Ind.	Fonseca 1996
2	Alto do Outeiro	Beja	Escavação	Placas Crescentes	P-I.1.2; P-I.2.2; P-I.1.4; P-2.4; C-II.2; C-III.2	Grilo 2007; 2010
3	Três Moinhos	Beja	Prospecção	Placas Crescentes	P-I.2 C-I, C-III	Soares 1992; Fonseca 1996
4	Cabeço da Azurria	Cuba	Prospecção	Placas Crescentes	P-I.2, P-I.4 C-II, C-III	Fonseca 1996
5	Outeiro do Tijolo	Cuba	Prospecção	Placas	Ind.	Fonseca 1996
6	Porto Torrão	Ferreira do Alentejo	Escavação	Placas Crescentes	P-I.1.2; P-I.2.2; P-I.1.4; P-I.2.4; C-I.2; C-II.2; C-III.2	Arnaud 1993; Valera e Filipe 2004
7	Montes de Baixo	Odemira	Escavação	Crescentes	C-III.2	Silva e Soares 1976-77
8	Cortadouro	Ourique	Escavação	Crescentes	C-III.2	Silva e Soares 1976-77
9	Alto de Brinches 3	Serpa	Escavação	Placas Crescentes	P-I.1.2; P-I.2.2; P-I.1.4; P-I.2.4; C-III	Alves <i>et al.</i> 2010
10	Atalaia do Peixoto	Serpa	Prospecção	Placas	P-I.2; P-I.4	Lopes <i>et al.</i> 1997
11	Canada	Serpa	Prospecção	Placas	Ind.	Lopes <i>et al.</i> 1997
12	Casa Branca 7	Serpa	Escavação	Crescentes	C-I.2; C-III.2	Rodrigues 2006
13	Cerro dos Castelos de Brás	Serpa	Escavação	Crescentes	C-I.2; C-III.2	Parreira 1983 Soares e Cabral 1993
14	Figueirinha	Serpa	Escavação	Placas Crescentes	P-I.1.2; P-I.2.4; P-II.2; C-I.2	Baptista e Gomes 2010a
15	Foz do Enxoé	Serpa	Escavação	Crescentes	C-IV.2	Diniz 1999
16	Horta da Morgadinha	Serpa	Escavação	Placas Crescentes	P-I.2.4, C-IV.2	Baptista e Gomes 2010b
17	Magoita	Serpa	Escavação	Placas	P-I.1.2A; P-I.2.2A	Valera <i>et al.</i> no prelo

18	Monte da Lage	Serpa	Escavação	Crescente	P-I.2.4, C-I.3? C-II.2, C-III.2	Baptista e Gomes 2010c
19	Monte Luis Mendes	Serpa	Prospecção	Crescentes	Ind.	Lopes <i>et al.</i> 1997
20	Parreirinha 4	Serpa	Escavação	Placas	P-I.1.2A; P-I.2.2A	Ferreira <i>et al.</i> ; 2010
21	Santa Margarida	Serpa	Prospecção	Placas	Placas com 2 e 4 perfurações	Soares 2005
22	São Brás 3	Serpa	Prospecção	Placas Crescentes	P-I C-III	Fonseca 1996
23	Torre Velha 3	Serpa	Escavação	Placas	P-II.2A	Alves <i>et al.</i> 2009
24	Outeiro Alto 3	Serpa	Escavação	Placas	P-I.2.4	Baptista, Gomes 2010d
25	Alto da Mangancha	Vidigueira	Escavação	Placas Crescentes	P-I.1.2; P-I.2.2; P-I.1.4; P-I.2.4; C-I.2; C-II.2; C-III.2	Gonçalves 1994; Diniz 1993 Fonseca 1996
26	Sala nº 1	Vidigueira	Escavação	Placas Crescentes	P-I.1.2; P-I.2.2; P-I.1.4; P-I.2.4; C-I.2; C-II.2; C-III.2	Gonçalves 1987